

A POESIA DE AUGUSTO DOS ANJOS E A SUA MEDIAÇÃO EM SALA DE AULA EM PROL DO LETRAMENTO LITERÁRIO

CAVALCANTI, Tatiane de Lourdes Moreira

(IFPB/PIBID/CNPQ)

tatianelcavalcanti@hotmail.com

RESUMO

Apresenta resultados de pesquisa que objetivou a importância de textos poéticos para o ensino de leitura e literatura na escola. Para tanto, estabelece um perfil sobre Augusto dos Anjos e breve delineamento de sua obra, inserindo-a no contexto da sala de aula. Partimos do pressuposto de que a poesia de Augusto, aliadas a um aparato teórico, intervém no processo de compreensão do texto poético. A partir da caracterização do autor como um analista social e dos aspectos analisados que definem suas obras, subsidiados por estratégias de ensino, é que é possível reconhecer a importância destes textos poéticos e como são aplicáveis ao ensino fundamental e médio. Metodologicamente, caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa e de campo. Os dados são oriundos da base bibliográfica e da fase de intervenção estruturada em sequências didáticas e fundamentadas pelos círculos de leitura literária estruturados. Fundamenta-se, teoricamente, em contribuições de Alves (1996), Bosi (2012), Candido (1970; 2011), Cosson (2006; 2014), Gullar (1978), Helena (1977), Oliveira (2008), Rosenfeld (1976), Teixeira (1998), Torres (1993), entre outros. Os resultados deste estudo estão dispostos de forma descritivo-analítica a partir dos registros de um questionário, sendo este o zênite da sequência didática aplicada com 21 alunos do 8º ano do Ensino Fundamental, de uma escola na cidade de Sousa – PB e a teoria pertinente. Os resultados apontam para a contribuição significativa de estratégias de ensino de leitura fundamentadas nos métodos do círculo de leitura e nas sequências didáticas cujos gêneros direcionadores sejam constituídos por textos literários.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura, Poesia, Leitura, Mediação, Ensino.

1 INTRODUÇÃO

Os textos poéticos de Augusto dos Anjos, aliados a uma metodologia adequada, contribuem para o desenvolvimento de leitores que avaliam a realidade à sua volta.

Neste sentido, os círculos de leitura e as sequências didáticas vem a contribuir para uma compreensão leitora e a escola é um agente que atua em prol desta percepção crítica social que Augusto dos Anjos evidencia em sua poesia.

2 MATERIAL E MÉTODOS

No intuito de desenvolver a proposta supra citada, focamo-nos em ações didaticamente



organizadas baseadas nos círculos de leitura literária estruturado e sequência didática de Cosson (2006; 2014). Pelo desenvolvimento das ações apresentadas, faz-se pertinente ressaltar que o professor tenha um conhecimento do perfil literário de Augusto dos Anjos para instigar os discentes sobre o referido autor, de modo que suas obras passem a fazer sentido para o aluno que se motiva a desenvolver outras leituras de suas obras.

3 DESENVOLVIMENTO

3.1 Sobre O Perfil poético literário de Augusto dos Anjos

Sobre a questão humanizadora da literatura, CANDIDO (1970; 2011) nos diz que os bens compressíveis e incompressíveis são a chave para questão da humanidade já que:

Do ponto de vista de um grande sociólogo francês, o padre dominicano Louis-Joseph Lebret, fundador do movimento economia e humanismo... Penso ora sua distinção entre “bens compressíveis” e “bens incompressíveis” que está ligada a meu ver com o problema dos direitos humanos pois a maneira de conceber a estes depende daquilo que classificamos como bens incompressíveis isto é, os que não podem ser negados a ninguém... São bens incompressíveis não apenas os que asseguram sobrevivência física, em níveis decentes, mas os que garantem a integridade espiritual... e também o direito à crença, à opinião ao lazer, e por que não, à arte e à literatura... Quer percebamos claramente ou não, o caráter de coisas organizadas da obra literária torna-se um fator que nos deixa mais capazes de ordenar a nossa própria mente e sentimentos; e em consequência mais capazes de organizar a visão que temos de mundo... Ela (a literatura), é uma necessidade universal... desde o índio que canta as suas proezas de caçar ou evoca dançando a lua cheia, até o mais requintado erudito que procura captar com sábias redes os sentidos flutuantes de um poema hermético. Em todos esses caos corre humanização. Entendo por humanização o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais como o exercício da reflexão a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso de beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres vivos, o cultivo do humor. [...] É impressionante como em nosso tempo somos contraditórios – chegamos a um máximo de racionalidade técnica e de domínio sobre a natureza- No entanto, a irracionalidade do comportamento é também máxima ...Com o incrível progresso industrial aumentamos o conforto até alcançar níveis nunca sonhados, mas excluímos dele as grandes massas que condenamos à miséria.... Acreditou-se que removidos uns tantos obstáculos como a ignorância e os sistemas despóticos de governo, as conquistas do progresso seriam canalizadas no rumo imaginado pelos utopistas... No entanto mesmo onde estes obstáculos foram removidos a barbárie continuou entre os homens...Um traço sinistro do nosso tempo é saber que é possível a solução de tantos problemas e no entanto, não se empenhar nela.

Como vimos, temos ainda a visão de mundo que é aprimorada para nós e em nós através da literatura e como consequência disto vem a humanização da humanidade, em detrimento da sua barbárie. Segundo Ferreira Gullar (1978), Augusto (de Carvalho Rodrigues) dos Anjos nasce em 1884 em um ambiente de decadência, doença e luto e por isto ele entra em contato com a filosofia



evolucionista que marcou sua visão de mundo e sua poesia. Lendo o filósofo Spencer, Augusto viu que o evolucionismo não era um fenômeno limitado aos seres vivos, mas se estendia ao mundo material e também à sociedade. Era a noção da morte como fato material e da vida como um processo químico onde o corpo humano não era mais uma organização de “sangue e cal”, condenada inapelavelmente ao apodrecimento e à desintegração e um exemplo da influência evolucionista de Comte em Augusto é o trecho do poema último credo:

Creio como o filósofo mais crente,
Na generalidade decrescente
Com que a substância cósmica evolue...

Creio, perante a evolução imensa,
Que o homem universal de amanhã vença
O homem particular que eu ontem fui!

Outra grande influência para Augusto foi a poesia de Cesário Verde Cruz e Sousa - precursor do simbolismo no Brasil- que eleva a categoria de poesia aquilo que poderia ser considerado como banal do comportamento humano e esse olhar não perdoa erros de uma vida social . Segundo Ferreira Gullar (1978), o parnasianismo e o simbolismo eram duas tendências atuantes na poesia brasileira e tanto uma como outra influíram na formação de Augusto mas em nenhuma se filiou, aliás Augusto não defendeu nenhum ideário ou escola literária. Ele tinha temas distantes do lirismo votados a finitude e fragilidade da vida e a sua visão de mundo era diferente da dos parnasianos e simbolistas devido a influência que a filosofia exercia em Augusto. Ele herda do parnasianismo o verso conciso, o ritmo tenso e a tendência ao prosaico e ao filosofante e do simbolismo, além do gosto por palavras símbolo com maiúscula,... certos valores fonéticos e melódicos, com musicalidade, explicando o fato de Augusto ter caído no gosto popular uma vez que segundo Cândido (1970,2011):

O caráter da coisa organizada da obra literária torna-se um fator que nos deixa mais capazes de ordenar a nossa própria mente e sentimentos e em consequência mais capazes de organizar a visão que temos do mundo... por isso que um poema hermético de entendimento difícil... pode funcionar neste sentido... a organização da palavra comunica-se ao nosso espírito e leva, primeiro a se organizar; em seguida a organizar o mundo... A mensagem e inseparável do código, mas o código é a condição que assegura o seu efeito. Mas as palavras organizadas são mais do que a presença de um código: elas comunicam sempre alguma coisa que nos toca porque obedece a certa ordem... Toda obra literária pressupõe esta superação do caos determinada por um arranjo especial das palavras e fazendo uma proposta de sentido... A maior parte se processa nas camadas do subconsciente e do inconsciente incorporando-se em profundidade como enriquecimento difícil de avaliar... A verdadeira produção literária ...(não) se justifica por meio de finalidades alheias ao plano estético... Em literatura uma mensagem ética, política religiosa



ou mais geralmente social só tem eficiência quando for reduzida a estrutura literária a forma ordenadora.

Percebemos, por tanto, o motivo pelo qual a poesia de Augusto ser algo tão tocante para as pessoas: a estética poética de Augusto, o código impecável, a organização da palavra que conduz a mensagem ordenadamente, por isso que Augusto conquistou primeiro as pessoas, o popular, para depois conquistar a crítica. Ferreira Gullar (1978), diz “Não foi a crítica que descobriu Augusto mas Augusto quem descobriu a crítica” e um exemplo desta não aceitação da crítica com relação a Augusto é o poeta Manoel Bandeira. Segundo o romancista Ledo Ivo em entrevista concedida ao documentário ‘Augusto dos Anjos, eu estranho personagem’, Manoel Bandeira achava Augusto limitado. Manoel e Augusto tinham em comum o relato da dor, porém de maneiras diferentes. (grifo nosso). Em Manoel Bandeira, poeta modernista, percebe-se o subjetivismo e intimismo além da melancolia. Apesar de melancólico, Bandeira não era depreciativo e pessimista como Augusto e Bosi (2012) considera que os problemas de saúde vividos por Bandeira se fizeram presentes no adulto que via a vida distanciada de seu processo real. Já Augusto como pré-modernista, tinha um olhar diferente e inovador que não se curva aos prazeres comuns. Augusto mostrava os tropeços humanos como no poema: Último Credo:

Como ama o homem adúltero o adultério
E o ébrio a garrafa tóxica de rum,
Amo o coveiro este ladrão comum
Que arrasta a gente para o cemitério!...

Em conformidade com os literatos supracitados, encontramos o poeta Vicente Lopes de Sousa que considerava Augusto dos Anjos, um poeta que “só acreditava na matéria” conforme versos retirados de seu poema intitulado: ‘À Memória de Augusto dos Anjos’, datado de 9 de março de 1947, cujos versos apresentam suas impressões sobre a poesia de Augusto :

Foste na vida um verme apodrecido
Sifilítico escravo da miséria
Que importa o mundo enriquecido
Se tu só acreditavas na matéria

E sonhavas com a imagem deletéria
Da meretriz, de um lupanas perdido
E hoje vagando na amplidão sidérea
Sonhas teu esqueleto ressequido

Morcego, átomo, esterco, gelatina,
Chamavas com um amor que não se iguala
Tinhas um cheiro de carnificina.



Hoje lendo teus versos que deixastes
Sinto-te ainda a rigidez da fala
E a podridão dos vermes que cantastes

De acordo com os versos acima, percebe-se que ninguém permanece indiferente a poesia de Augusto dos Anjos. Teixeira (1998, p.24) nos diz que este fato ocorre devido a postura de Augusto em buscar a expressividade das coisas repugnantes e da morte “originária do satanismo de Baudelaire- precursor do simbolismo, tal postura viria a desembocar no lirismo escatológico de Augusto dos Anjos sensivelmente influenciado por Broquéis (de Cruz e Sousa)”. Bandeira não se deixa abater pela realidade. Já Augusto sim, conforme o poema versos íntimos :

Vês! Ninguém assistiu ao formidável
Enterro de tua última quimera.
Somente a Ingratidão – esta pantera –
Foi tua companheira inseparável!

Acostuma-te à lama que te espera!
O Homem, que, nesta terra miserável,
Mora entre feras, sente inevitável
Necessidade de também ser fera.

Toma um fósforo. Acende teu cigarro!
O beijo, amigo, é a véspera do escarro,
A mão que afaga é a mesma que apedreja.

Se a alguém causa inda pena a tua chaga,
Apedreja essa mão vil que te afaga,
Escarra nessa boca que te beija!

Seguindo a crítica e no tocante ao satanismo literário, Torres (1993, p. 137) nos mostra que este satanismo literário (com o mal conservando seus aspectos violentos) é dialeticamente necessário à manutenção e triunfo do bem. Byron poeta britânico, adepto desta vertente, define em seu Caim o argumento de que Lúcifer mostra que a criação não passa de um ato egoísta de Deus e assim torna-se um adversário Dele. Deus, para não ser responsável pelo mal, e contestando tal definição de egoísmo, tolera que satã, autônomo, tente o homem. O objetivo de Satã é fazer o homem duvidar de Deus. Satã é símbolo da revolta, da liberdade absoluta uma reivindicação de si mesmo contra Deus., pois segundo Bosi, 2012, p.310: “as forças da matéria que pulsam em todos os seres e em particular no homem, conduzem ao Mal e ao Nada, através de uma destruição implacável: e ele (Augusto) é o espectador em agonia desse processo degenerescente cujo símbolo é o ‘verme’”, conforme trecho do poema psicologia de um vencido:



Já o verme — este operário das ruínas —
Que o sangue podre das carnificinas
Come, e à vida em geral declara guerra,

Anda a espreitar meus olhos para roê-los,
E há-de deixar-me apenas os cabelos,
Na frialdade inorgânica da terra!

O verme é valorizado e esta valorização não é percebida na figura do homem retratado, pois segundo Helena (1977), o verme aqui teria um papel fundamental:

O verme seria, neste caso, o mediador ficcional, o elemento que transforma o testemunho da ruína em tematização poética da ruína. Verme que também se alegoriza: nele fala a instância da destruição, da perda, da corrosão que consome ,mas ao mesmo tempo fala o seu 'outro' pois ele constrói destruindo e destrói para construir, realizando um duplo trabalho ficcional de apresentar a corrosão como força contraditória de desgaste e resgate. Força que faz com que tudo se arruine e renasça, incessantemente...O verme, que conduz a constelação da ruína, é também o construtor da utopia que move e dinamiza epicamente as páginas líricas desse livro incitante[...] A dimensão real, quando ficcionalizada literariamente, passa a ter uma convivência com uma dinâmica imaginária, que preside ao recorte que o escritor faz do mundo, consciente e inconscientemente.... Reino do paradoxo de ser e de não ser apenas uma coisa nem outra. Se a dimensão imaginária regride, a obra está ameaçada de confinar-se no depoimento, pessoal, sem universalidade; se a dimensão real se esfumaça demasiado, arrisca-se de embrenhar-se no delírio fronteiro à loucura. Não é nenhum destes casos- limite a obra poética de Augusto....Se tece um constelado de ruínas...que advêm de uma sena real são, todavia, apesentadas sem que apenas uma delas avulte, sozinha...São 'concentradas' na imagem alegórica de um verme, mediador da passagem entre a cena real e a cena fantasmal, imaginária, delirante.

Significa dizer que o mesmo que destrói nos prepara para o novo. Augusto usa a ficção a favor da transformação de uma dura realidade. Ele usa os extremos – vida morte- para chocar e transformar mostrando que apesar da dor, existe o belo ou vice versa e é aqui que reside a sua poesia, revelando que tudo na vida tem dois lados, apesar da verdade ser uma só e é justamente esta verdade que lhe serve de parâmetro. Esta verdade é a sua realidade, sem máscaras, sem rodeios e isto é o que muitos não compreendem, não aceitam ou fingem não compreender mostrando só um lado seu: o proclamador da realidade crua, o que não é verdade. (grifo nosso). Ele também mostra a lírica em seus versos cuidadosamente compostos. Por isto que Augusto é um poeta único, de uma incrível construção poética e o crítico Alfredo Bosi define a poesia de Augusto dos Anjos como uma poesia que “mescla um rebuscamento científico a uma profunda angústia moral de sua poesia”, Augusto denuncia a hipocrisia social que tolera e maquia a degradação humana. Segundo Oliveira,(2008, p.40), denunciando “ a podridão que se oculta sob os véus da beleza mundana servir, de caricatura para o mundo material. Daí talvez a hostilidade do Belo nos sonetos de



Augusto dos Anjos”. Rosenfeld (1976,p.265) define essa poesia de “sadomasoquista”, pois “lança o desafio do radicalmente feio à face do pacato burguês, desmascarando, pela deformação hedionda, a superfície harmônica e açucarada de um mundo intimamente podre.” Sobre este aspecto da podridão humana, das futilidades e das máscaras, o historiador Leandro Karnal, nos fala sobre a vaidade e o orgulho como marca da sociedade contemporânea onde o homem se acha importante para os outros e se expõe em redes sociais. É o mundo líquido que é vaidoso e individualista exigindo elogio e as pessoas não se escutam. Buscam o empreendedorismo, e os meios para se chegar a aquilo que almejam não importam. São admirados por eles mesmos sentindo orgulho de seus feitos. Ele cita Freud quando diz que educar é traumatizar e as pessoas hoje não querem esforço deixando quem revela a verdade e ficando com quem alimenta sua ilusão. Tudo é politicamente correto, a vaidade é auto-estima e a sociedade é altamente soberba. As pessoas vivem de representar, de exibir e de se comparar. Vivem de aparência e se deixam enganar por elas. Seguindo este pensamento, citamos o psicanalista Alfredo Jerusalinsky que explica o comportamento humano na atualidade, pois segundo ele a consistência da palavra hoje não está no laço social e sim no artefato- o pivô onde o sujeito gira- sem depender do laço social. É o culto ao narcisismo onde o centro não é o ato e sim a sua presença (do indivíduo em questão).

Diante dos posicionamentos acima, percebemos o descortinamento da verdade que Augusto promove e este perfil literário é também o de outro grande Autor: Machado de Assis, que também utiliza-se da contradição e da ironia, com ar de normalidade, em prol de uma “verdade” ou consciência moral e contra este falso moralismo ou hipocrisia social vigente até os dias atuais. Tanto Machado de Assis com Augusto dos Anjos exprimem as diferenças sociais e as realidades hipócritas sendo o primeiro em prosa e o segundo em poesia, (grifos nossos). Ambos possuem uma lírica em prosa e em versos que denuncia o descontentamento diante das realidades discriminatórias da sociedade, cada um a seu modo. Sobre esta hipocrisia generalizada, Cândido nos fala do que o acontece nos discursos políticos e sobre o papel da literatura neste contexto, visando uma humanização:

Não é mais possível tolerar grandes diferenças econômicas,...É claro que ninguém se empenha para que de fato isto aconteça mas tais atitudes e pronunciamentos parecem mostrar que agora a imagem com a injustiça social contrange e que a insensibilidade em face da miséria deve ser pelo menos disfarçada. Esta hipocrisia generalizada ...é um modo de mostrar que o sofrimento já não deixa tão indiferente a média da opinião... A literatura confirma e nega propõe e denuncia, apóia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas...por nas mãos do leitor o livro pode ser fator de perturbação e mesmo risco...suscitando por vezes condenações violentas quando ele veicula noções ou oferece sugestões que a visão convencional gostaria de proscrever.



A perturbação se dá por causa da humanização, ou seja, por causa da realidade humana sendo esta a causa da não aceitação da poesia de Augusto por parte da crítica já que o mesmo “humaniza” (grifo nosso). Porém, a função da literatura não é a de formar e Ferreira Gullar (1978) define sobre o que seria o papel do poeta e o proposto da poesia, ou ainda, sobre a fórmula poética:

Expressar em última instância a contradição ente o sujeito e o mundo. Qualquer concepção que não veja a poesia como esforço de superação-que jamais se dá para sempre- dessa contradição ignora a natureza real do problema. Por isso que nunca pode haver fórmula poética, por isso que toda poesia implica renovação e por isso que nenhuma poesia pode ser inteiramente nova. No trabalho do poeta, a língua que é permanente, é o mundo, o prosaico, o que deve ser transformado, transfigurado; se se elimina da poesia todo elemento prosaico, elimina-se a sua conexão com o mundo concreto “Chklovski: a arte é um meio para sentir a transformação do objeto; o que já está transformado não tem interesse para arte” ainda: “O propósito da poesia é proporcionar uma sensação do objeto como visão e não como reconhecimento Chklovski(1973, p.45).

Complementando Gullar (1978) diz: “O poeta não quer discorrer sobre os objetos, não quer que sua linguagem seja mera referência ao mundo; quer que o poema seja o lugar onde a experiência se dá-deflagrada-concretamente. Procura impedir que o discurso se afaste da experiência original e a abstratize”. Esta é então a chave da diferença entre Augusto e os outros poetas. Ele não foge do prosaico, da experiência real, pelo contrário, ele mergulha como ninguém na realidade e de uma forma muito rebuscada e original retratando isto em seus versos, propagando e perpetuando seu encantamento.

3. 2. Metodologia Letramento literário

Após um delineamento do perfil poético de Augusto dos Anjos e visando um letramento literário em prol de alunos leitores e que dominem a técnica da escrita, segue a definição do que seria o letramento literário, diferente de letramento já que:

O letramento literário faz parte dessa expansão do uso do termo letramento, isto é, integra o plural dos letramentos, sendo um dos usos sociais da escrita... o letramento literário tem uma relação diferenciada com a escrita e, por consequência, é um tipo de letramento singular. Em primeiro lugar, o letramento literário é diferente dos outros tipos de letramento porque a literatura ocupa um lugar único em relação à linguagem, ou seja, cabe à literatura “[...] tornar o mundo compreensível transformando a sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas” (COSSON, 2006b, p. 17). Depois, o letramento feito com textos literários proporciona um modo privilegiado de inserção no mundo da escrita, posto que conduz ao domínio da palavra a partir dela mesma. Finalmente, o letramento literário precisa da escola para se concretizar, isto é, ele demanda um processo educativo específico que a mera prática de leitura de textos literários não consegue sozinha efetivar. É por entender essa singularidade que se define o letramento literário como “[...] o processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos” (PAULINO; COSSON, 2009, p. 67).



Ou seja, primeiro acontece o contato com a literatura em si, sendo esta um facilitador para a escrita em uma forma posterior. O letramento literário é a porta de entrada para o mundo da escrita, que é a consequência da inserção no mundo da literatura a partir da leitura ou contação para quem não domina a técnica de ler. (grifos nossos). E Ainda sobre a leitura Alves (1996) diz:

A leitura é igual à música. Para que a leitura dê prazer é preciso que quem lê domine a técnica de ler. A leitura não dá prazer quando o leitor é igual ao pianista: sabem juntar as letras, dizer o que significam- mas não tem o domínio da técnica. O pianista dominou a técnica do piano quando não precisa pensar nos dedos e nas notas: ele só pensa na música. O leitor dominou a técnica da leitura quando não precisa pensar em letras e palavras: só pensa nos mundos que saem delas; quando ler é o mesmo que viajar.

A leitura é um hábito, uma construção, é treino e quando nos damos conta... conseguimos, dominamos e daí não mais paramos. É como andar de bicicleta: parece difícil, porém depois de dominada a técnica, o que vem depois são as sensações de prazer e liberdade. (grifos nossos). Assim sendo, de acordo com Harvey Daniels(2002,apud Cosson, 2014,p.140) o modelo de círculo de leitura literária seria:

- a) A escolha da obra que será objeto de leitura literária
- b) Os grupos podem ser temporários e pequenos(de quatro a cinco alunos);
- c) Podem ler diferentes obras ao mesmo tempo
- d) AS atividades dos grupos podem obedecer a um cronograma de encontros, que poderá se estender;
- e) Os registros podem ser feitos durante a leitura e serão fundamentais para desenvolver a discussão sobre o livro, podendo ser um diário de leitura e ou fichas de função(previamente definida em relação ao texto)
- f) Os tópicos a serem discutidos são definidos pelos próprios alunos
- g) As discussões em grupo são livres
- h) A função do professor é a de dar condições para que a atividade aconteça
- i) A avaliação pode ser feita por meio de observação e autoavaliação do aluno
- j) A aula do círculo de literatura deverá ser com muita interação entre os alunos
- k) Os novos grupos podem ser formados a partir da seleção das obras .

3.3 Pesquisa de Campo

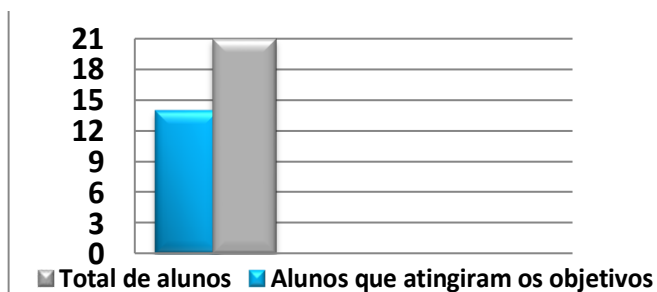
De acordo com a proposta supra citada, apresentamos o modelo abaixo que visa mediar Augusto dos Anjos no intuito de favorecer sua compreensão em busca da formação leitura e crítica dos alunos. Buscando esta compreensão, mediação, contextualização e finalmente letramento literário, apresentamos a seguinte sequência didática baseada no círculo de leitura literária estruturado: 1º momento- Motivação: Questionar se é possível fazer um poema sobre vermes; falar mal do amor. 2º momento- Introdução: Mostrar que foi Augusto dos Anjos, de onde ele veio, porque ele foi tão diferente dos outros poetas e explicar esta diferença nos temas de suas obras. (está



em “Sobre Augusto”)3º momento- Leitura da obra em si, na leitura de forma silenciosa. 4º momento- Interpretação: O professor através de um círculo de leitura estruturado orienta os alunos com a leitura de trechos dos poemas para ilustrar a explicação anterior, juntamente com o significado de algumas palavras usadas nos 3 poemas sugeridos de Augusto dos Anjos que são: O morcego/ último credo/psicologia de um vencido, sendo O morcego: consciência; Último credo: Evolução; Psicologia de um vencido: Finitude. Alguns significados já foram colocados no próprio texto. As orientações estão em “Sobre Augusto” e foram feitas pelo professor de forma oral.5º momento: Discussão conforme círculo de leitura literária. Esta discussão será feita de acordo com o questionário abaixo mas de forma oral e em forma de debate, com o professor apenas mediando este momento. 6º momento: Registro do debate ou discussão acima sobre o entendimento dos alunos a certa dos poemas lidos através do questionário oralmente discutido no tópico acima, conforme modelo de círculo de leitura literária:

- 1 Você conseguiu identificar nos poemas escolhidos os temas a que eles se referem? Você sentiu dificuldade de entender os poemas lidos? Justifique.
- 2 Augusto dos Anjos é um poeta diferente. Para você existe poesia em Augusto dos Anjos? Por que?
- 3 Em relação ao podre, ao fugaz (passageiro), as mazelas da sociedade e ao fútil (banal) qual a relação entre estes aspectos retratados por Augusto e as redes sociais como facebook, instagran? Ex: Uma Pessoa que vai ao velório de um ente querido, faz uma selfie com o defunto e posta, ou ainda alguém que vai tomar banho e posta atualizando seu status. Estas atitudes precisam ser expostas ou as pessoas estão ‘perdendo a noção’?

3.4 – Resultados- Gráfico (que mede o letramento literário)



Fonte: Pesquisa de campo/2016

Percebemos que com as etapas de mediação, conseguiu-se atingir o percentual de 70% de



êxito no tocante a compreensão leitora e interpretação da poesia em questão, sendo estes os pilares que formam o leitor já que a maioria destes alunos se apropriou do texto poético, da linguagem, de Augusto dos Anjos, atingindo o letramento literário, objetivo principal deste nosso trabalho.

4- CONCLUSÃO

O objetivo a que nos propusemos foi atingido visto que os adolescentes conseguiram, em sua maioria, atingir todas as etapas em prol de um letramento literário, ou seja, conseguiram ler os poemas, compreendê-los e interpretá-los já que traçaram um paralelo entre os poemas de Augusto dos Anjos e a realidade de mundo no contexto atual. Transformaram as palavras rebuscadas e fortes e os poemas com versos belíssimos e impecáveis de Augusto dos Anjos em algo real, através do confronto destas palavras e versos com fatos reais do nosso dia a dia, materializando-as e assim compreendendo melhor o mundo que os cerca. Esta é a função principal do letramento literário: compreender o mundo e as pessoas, além de favorecer a leitura e a escrita dos alunos através da escola e do professor como mediadores, percorrendo os caminhos traçados pela literatura que neste trabalho específico foi regido por Augusto dos Anjos através do seu olhar fiel da realidade. (Grifos nossos).

5- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rubem. **Entre a ciência e a sapiência: o dilema da educação**. São Paulo: Editorial Loyola, 1996

ANJOS, Augusto dos. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

BOSI, Alfredo Bosi. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2012.

CANDIDO, Antônio. **Vários escritos: Direito à Literatura**. Duas Cidades/ Ouro sobre azul, 1970/2011. Disponível: <http://culturaemarxismo.files.wordpress.com/2011/10/candido-antonio-o-direito-c3a0-literatura-in-vc3a1rios-escritos.pdf>

COSSON, Rildo. Letramento literário: educação para vida. **Vida e Educação**, Fortaleza, v. 10, p. 14-16, 2006 a.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.



GULLAR, Ferreira. **Augusto dos Anjos ou vida e morte nordestina**. In: ANJOS, Augusto dos. *Toda a poesia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. disponível em : <http://jornaldaparaiba.com.br/euaugusto/>, acessado em 2016.

HELENA, Lúcia. **A Cosmo-agonia de Augusto dos Anjos: Um poeta em Ruína**. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1977. disponível em <http://jornaldaparaiba.com.br/euaugusto/>, acessado em 2016.

IFPB- Instituto Federal de Educação Ciência e tecnologia da Paraíba. Leitura e produção de texto II 2014.2. Literatura Brasileira III 2015.1. Metodologia do ensino de literatura 2014.2. Disponível em: <http://www2.ead.ifpb.edu.br/my/>, acessado em 2015.

OLIVEIRA, Rafael Soares de. **O poeta do hediondo: feísmo e cristianismo em Augusto dos Anjos**. 2008. 100 f. Dissertação de Mestrado em Literatura Brasileira.— Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

ROSENFELD, Anatol. A costela de prata de Augusto dos Anjos. In: **Texto e contexto**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

TEIXEIRA, Ivan. Cem anos de Simbolismo: Broquéis e alguns fatores de sua modernidade. In: SOUSA, Cruz e. **Missal\Broquéis**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

TORRES, Marie-Hélène Catherine. O satanismo em Cruz e Sousa e Baudelaire. **Travessia**, Santa Catarina, n. 26, p. 137-142, 1993.

_____. **Augusto dos Anjos: Eu, estranho personagem**. Tv Escola. Disponível em: <http://tvescola.mec.gov.br/tve/video/especiais-diversos-augusto-dos-anjos-eu-estranho-personagem>, acessado em 2016.

_____. **Café filosófico O orgulho nosso de cada dia** com Leandro Karnal. Tv Cultura. Disponível em : <http://www.institutocpfl.org.br/cultura/2014/09/08/orgulho-nosso-de-cada-dia-com-leandro-karnal-versao-tv-cultura/>, acessado em 2016.

_____. **Direito e literatura**. Especial Alfredo Jerusalinsky. Tv Justiça.

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=I7oT5j3CVfw>, acessado em 2016.

_____. SOUZA, Vicente Lopes de. **À Memória de Augusto dos Anjos**. Auxiliadora Pinto-Acervo pessoal, Alexandria, 1947.